

RESENHA E ANÁLISE DA OBRA DE DURKHEIM: AS FORMAS ELEMENTARES DA VIDA RELIGIOSA

Lilian Wurzba Ioshimoto

Psicóloga de orientação junguiana, mestranda do Programa de Ciências da Religião da PUC/ SP.

Resumo: Este artigo apresenta, de início, uma resenha da obra de Émile Durkheim, “*As formas elementares da vida religiosa*”. A seguir, procura analisar a obra tendo por base a psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: arquétipo, consciência, inconsciente coletivo, individuação, ego, self.

Abstract: This article initially reviews Émile Durkheim’s work *The Elementary Forms of Religious Life*. Then it analyses the work based on Carl Gustav Jung’s *Analytical Psychology*.

Keywords: archetype; consciousness; collective unconscious; individuation; ego, self.

"A consciência coletiva é a forma mais elevada da vida psíquica, já que é uma consciência de consciências" (Durkheim).

A obra

A obra de Durkheim consta de uma Introdução; Livro Primeiro, em que são abordadas questões sobre os conceitos de religião e do fenômeno religioso e as concepções da religião elementar animismo, naturismo e totemismo; Livro Segundo, cuja discussão gira em torno das crenças totêmicas e suas origens; Livro Terceiro, que apresenta os cultos negativo e positivo para explicar a ambiguidade do sagrado; e a Conclusão, em que Durkheim diz que a religião é um fenômeno eminentemente social, suas representações são coletivas e exprimem realidades coletivas.

O objetivo de Durkheim, nesse livro, é explicar a realidade humana de sua época e entender a natureza religiosa do homem.

Acredita que as religiões têm a mesma função, ou seja, responder às necessidades humanas de quaisquer sociedades, em qualquer época. Por isso, toma como objeto de estudo a religião mais primitiva e simples de que se tem conhecimento, pois ela poderá revelar algo de essencial e permanente na humanidade.

Sua opção é uma questão de método, já que, para compreender as religiões atuais, faz-se necessário estudar como se constituíram na história; e quanto mais simples a religião, menos aspectos secundários ela terá, portanto, mais facilmente serão observados seus aspectos essenciais.

O interesse de Durkheim não é religioso, propriamente, mas a possibilidade de, por meio do estudo dos fenômenos religiosos, discutir problemas como a aquisição e formação dos conhecimentos e categorias básicas e universais das coisas.

Sua conclusão, de que a religião é eminentemente social, funda-se na sua visão de homem como um ser duplo: um ser individual, limitado por sua base orgânica, e um ser social, que representa a mais alta realidade — a sociedade.

Livro Primeiro — Questões preliminares

Para Durkheim, o que caracteriza o fenômeno religioso é a divisão do universo em coisas sagradas e coisas profanas, e não o sobrenatural ou a divindade, como colocam alguns autores. Considerar algo sobrenatural implica conhecer a “ordem natural das coisas”: leis que regem o universo. Isso é recente. Para os primitivos, os acontecimentos não estão além do que eles podem explicar, pelo contrário, fazem parte de seu universo. Por outro lado, em religiões como o budismo a busca da salvação se dá pela meditação e pela sabedoria e não por meio de uma divindade.

A religião também não é magia, pois embora esta se constitua de crenças e ritos, caracteriza-se pela individualidade, enquanto a religião pressupõe uma comunidade, sendo, pois, coletiva. Assim, Durkheim define religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem” (p. 79).

Durkheim aponta, ainda, que a origem do pensamento religioso não pode ser explicada pelas teorias animista e naturista, pois ambas buscam a origem da oposição sagrado-profano na natureza, seja do homem seja do universo. Isso seria considerar a religião como produto de uma interpretação delirante: do sonho (para o animismo, a noção de alma surge da confusão entre o período de vigília e sono) ou da palavra (para o naturismo, é por meio da ação da linguagem sobre o pensamento que as forças naturais transformam-se em agentes pessoais).

Há, porém, um culto mais primitivo, do qual animismo e naturismo, provavelmente, derivaram: o totemismo, religião mais primitiva e simples possível, que Durkheim encontra nas tribos australianas, sociedades mais próximas das origens da evolução. Recorre também às tribos indígenas da América do Norte, onde o totemismo foi descoberto pela primeira vez.

Livro Segundo — As crenças elementares

Nesta segunda parte, Durkheim discute as ideias sobre as quais a religião totêmica repousa.

No clã, base das tribos australianas, o parentesco não é definido pela consanguinidade, mas pelo fato de todos terem o mesmo nome, que é também o nome de algo que acreditam manter relações particulares — o totem. Este, normalmente, pertence ao reino animal ou vegetal, podendo ser também um antepassado: o sol, a lua etc. É adquirido por intermédio da mãe, do pai ou de um antepassado mítico.

Além de nome, o totem é brasão, emblema. Porém, não é só exterior, ele faz parte do homem, que tenta dar a si o aspecto do totem, usando penas, máscaras, corte de cabelo, principalmente durante as cerimônias religiosas.

O caráter religioso do totem está no fato de que é em relação a ele que as coisas são divididas em sagradas e profanas, sendo o totem o tipo de coisas sagradas. Portanto, as pessoas ditas profanas não podem tocá-lo ou vê-lo (no caso de objeto) ou comê-lo (no caso de animal ou planta). Essa proibição não é imposta pela comunidade, mas baseia-se na crença de que, ao penetrar um organismo profano, o totem pode desorganizá-lo ou destruí-lo.

Animais e plantas totêmicos estão no campo do profano. Portanto, o que garante a eficácia do totem não é o ser totêmico, mas sim sua representação.

Toda religião consiste num sistema de ideias que tendem a representar a totalidade do mundo. Assim, para que seja considerado uma religião, o totemismo deve oferecer uma concepção do universo.

Nas tribos australianas, todas as coisas classificadas num clã estão ligadas entre si e àquilo que serve de totem: homens, animais, plantas e objetos são modalidades do ser totêmico. E no clã que encontramos o fermento da vida religiosa, mas, para entendermos o totemismo, devemos considerar a tribo em sua totalidade, pois o totemismo é um sistema complexo, que tem sua cosmologia.

Além do totem coletivo, impessoal, existem aqueles que são próprios a cada indivíduo. A diferença entre ambos é que o primeiro é hereditário, faz parte do estatuto legal, enquanto o segundo é adquirido por opção, sendo necessárias operações rituais para determiná-lo.

Existe ainda, em algumas poucas tribos australianas, o totem sexual, com características tanto do coletivo quanto do individual.

Se alguns autores não viram o totemismo como religião é porque “criaram noção inexata do fenômeno religioso” (P. 215).

O totemismo é a religião mais primitiva, pois é inseparável da organização social à base de clãs, e essa é a organização social mais simples que se conhece. A unidade do clã é dada pelo totem.

Durkheim critica as teorias de Tylor, Wilken, Tout, Frazer, Jevons, pois enquanto alguns negam o caráter religioso do totemismo, o que é negar os fatos, outros colocam o totemismo como derivado de uma religião anterior. Dessa forma, são insuficientes, pois se faz necessário buscar o caráter religioso das ideias que estão nas suas origens. É preciso buscar então o que dá unidade ao totemismo de clã.

No totemismo, são sagrados: as representações figuradas do totem, animais ou vegetais que dão nome ao clã e os membros do clã.

O caráter religioso do que é sagrado não está em um atributo particular; a natureza sagrada está em um princípio comum, ao qual se dirige o culto. Portanto, o totemismo é uma religião de uma espécie de força anônima e impessoal que se encontra em cada um (na representação, no animal, na planta, nos membros do clã), mas não é nenhum deles.

Essa força tem um caráter moral.

O que está na base do pensamento religioso não são seres determinados que possuem, por si só, caráter sagrado, mas poderes indefinidos, forças impessoais. As coisas particulares sagradas são manifestações desse princípio essencial.

Não é a natureza da coisa que a determina como objeto de culto. O totem é, por um lado, a expressão material do princípio totêmico e, por outro, simboliza o clã. Portanto, o totem é o próprio clã, representado por um vegetal ou animal.

A ação que a sociedade exerce sobre seus indivíduos desperta, neles, a sensação do divino. Assim, o clã desperta em seus membros a ideia de que forças externas os dominam e os sustentam. Essas são forças religiosas. Mas como a ação coletiva suscita o sagrado?

Nas sociedades australianas existem dois mundos: o profano, no qual a população dispersa preocupa-se com o alimento para a sobrevivência, e o sagrado, em que a aglomeração da população, geralmente para celebrar cerimônias religiosas, provoca uma excitação que leva as pessoas a se comportarem de forma diversa, chegando ao frenesi, como se forças intensas as invadissem e transformassem.

A força religiosa é, portanto, a força coletiva e anônima do clã, que é representada sob a forma de totem; é um sentimento coletivo projetado num objeto, que então torna-se sagrado, não por suas propriedades intrínsecas, mas pelo sentimento que desperta ou simboliza. Assim, o emblema totêmico é “o corpo visível do deus” (p. 277), é o que mantém a continuidade do grupo, isto é, mostra que determinado número de indivíduos participa da mesma vida moral. A unidade do clã é garantida, pois, pelo nome coletivo e pelo emblema que representa esse nome.

A partir da teoria do totemismo podemos constatar que a evolução lógica é solidária à evolução religiosa e que ambas dependem do social.

As crenças religiosas substituíram o mundo sensível por um mundo diferente. No totemismo, as pessoas do clã e os seres representados pelo totem são constituídas da mesma essência. Por outro lado, as concepções religiosas são determinadas por causas sociais. Os homens só podem tomar consciência de um sentimento coletivo fixando-o em um objeto material. Assim, o sentimento provocado pela efervescência na vida social determina o emblema totêmico. Percebemos, então, que a lógica do pensamento religioso e a lógica do pensamento moderno, científico, embora desenvolvidas diferentemente, possuem os mesmos elementos essenciais.

Outra noção presente em toda religião é a noção de alma. Mas ela não aparece na religião totêmica, pois a alma, para os australianos, é “o princípio totêmico encarnado no indivíduo” (p. 306); é o princípio vital que anima o corpo; é a encarnação de um antepassado ou um princípio religioso que emana de um antepassado.

A ideia de imortalidade da alma explica a continuidade da vida coletiva, pois os homens morrem, mas o clã permanece vivo.

Para os australianos, enquanto a alma anima o corpo, o espírito “está preposto a determinada ordem de fenômenos, cósmicos ou sociais” (p. 335).

A partir da noção de espírito houve um progresso na vida religiosa, aparecendo personalidades míticas de ordem superior. Partindo da ideia dessas personalidades, passando pelos heróis civilizadores, os australianos chegaram à noção de um único deus: noção mais elevada do totemismo, que exprime a unidade tribal.

Livro Terceiro — As principais atitudes rituais

O culto apresenta duplo aspecto: negativo e positivo, que, embora associados, devem ser distinguidos.

Chama-se culto negativo o conjunto de ritos que constitui proibições, cujo objetivo é manter as coisas separadas. No caso dos interditos religiosos, a separação é entre o sagrado e o profano. Mas o culto negativo não serve somente para proteger as coisas sagradas do contato com o profano; permite ao homem o acesso ao culto positivo, na medida em que é por meio das interdições que o homem se despoja do que nele há de profano.

O culto positivo, por outro lado, consiste em práticas rituais cuja função é regular e organizar. Um de seus fundamentos é o sacrifício, que é constituído de um ato de comunhão, em que o fiel, mediante ingestão do alimento sagrado, comunga com seu deus, e um ato de oblação, quando faz oferenda a esse deus.

Os ritos positivos têm a função de refazer moralmente os indivíduos e o grupo. Por extensão, agem sobre as coisas. Assim, o culto

não visa unicamente fazer os indivíduos profanos comungarem com os seres sagrados, mas também a manter esses últimos em vida, refazê-los e regenerá-los perpetuamente (p. 416).

Para garantir a fecundidade da espécie totêmica há, também, os ritos miméticos. Eles fundamentam-se na magia: “aquilo que atinge um objeto atinge também tudo que mantém com esse objeto qualquer relação de proximidade ou de solidariedade — é a lei do contágio: “o semelhante produz o semelhante”.

Por intermédio dos rituais não só se garante a reprodução da espécie totêmica em nível físico, material, mas também a restauração do ser moral.

A função real do rito não é produzir um efeito determinado, mas, antes, ele serve para despertar nos fiéis um estado de alma constituído de força moral e de confiança. Por isso, o rito se aplica a vários fins ou vários ritos se aplicam a um mesmo fim.

Existem, ainda, os ritos piaculares, que são celebrados em estado de tristeza. Segundo Durkheim, são semelhantes ao culto positivo, pois são cerimônias coletivas que produzem, em seus participantes, um estado de efervescência.

O objetivo da vida religiosa é, portanto, “elevantar o homem acima de si mesmo e fazê-lo viver vida superior àquela que levaria se obedecesse unicamente à sua espontaneidade individual” (p. 491).

Conclusão

Durkheim conclui sua obra mostrando que na base de todas as religiões encontramos um sistema de ideias e um sistema de práticas, e que esses sistemas têm sua origem na sociedade.

Aponta, também, que a ciência nasce da religião e tende, atualmente, a substituí-la. Mas não há conflito entre ciência e religião, pois o pensamento lógico da ciência é constituído de conceitos e estes são representações impessoais, portanto coletivas, cuja verificação se dá a partir da experiência humana. Na religião acontece o mesmo — as forças religiosas são forças coletivas.

Assim, tanto a ciência, por um lado, como a moral e a religião, por outro, fundamentam-se na mesma fonte: a sociedade. “A consciência coletiva é a forma mais elevada da vida psíquica, já que é uma consciência de consciências” (p. 523).

Análise

Quando Durkheim busca no totemismo a explicação para o homem moderno, está procurando entender como se deu a aquisição dos conhecimentos e como se formaram as categorias básicas e universais das coisas. Sua conclusão é que a religião bem como a ciência fundamentam-se na sociedade; os conceitos científicos são representações impessoais e as forças religiosas são forças coletivas. Isso nos leva à reflexão sobre a formação da consciência. Ele mesmo enuncia isto: “A consciência coletiva é a forma mais elevada da vida psíquica, já que é uma consciência de consciências” (p. 523).

O termo consciência, do latim *conscire*, significa conhecer, ter cognição de. Por outro lado, *conscious* (consciente) deriva de *com* (com, juntamente com) e *scire* (saber ou ver). Assim, etimologicamente, consciência significa conhecer juntamente com um outro. Ciência também deriva de *scire*, porém sem o “estar com”.

Conhecer requer a separação entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. Neumann diz que “esse ato de cognição, discriminação consciente, divide o mundo em opostos, pois a experiência do mundo só é possível através dos opostos” (NEUMANN, 1990). A definição de religião de Durkheim repousa sobre a “classificação de todas as coisas reais e ideais, sobre as quais os homens pensam, em classes ou grupos de opostos”

Do ponto de vista da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, o conflito entre os opostos é condição necessária para a criação da consciência. Ampliar a consciência é diferenciar conteúdos antes indiferenciados. Esse processo, Jung denominou processo de individuação que, segundo ele, consiste no processo de desenvolvimento psicológico que leva o ser a se tornar indivíduo, um ser único e indivisível.

No início, o sujeito é um todo indiferenciado, não tem consciência de si e do mundo. A criança, ao nascer, não diferencia o que é interno do que é externo, o eu do outro, o que é ela mesma do que é sua mãe; a criança e sua mãe formam um todo único. No mundo marcadamente matriarcal há o predomínio do inconsciente.

Segundo Jung, o inconsciente coletivo consiste na base estrutural de toda a psique. Seus elementos constitutivos — os arquétipos ou imagens primordiais, são formas pictóricas dos instintos e se revelam à consciência por meio dos sonhos, fantasias e imagens. Ele é a

dimensão transpessoal, que se manifesta em imagens e padrões universais, presentes em todas as religiões e mitologias do mundo. Tem como centro o self ou si-mesmo, o arquétipo central, o organizador e unificador da psique total.

Ao longo do processo de desenvolvimento, ocorre a separação entre eu e o mundo, eu e outro, ego e self. A polarização, ausente no início, manifesta-se agora com o surgimento do ego, o centro da consciência.

Os opostos, antes contidos no todo, separam-se: o interno do externo, a criança da mãe, o ego do self. Surge então a polarização entre a criança, enquanto ego e consciência, e a mãe, como inconsciente. Posteriormente, essa polarização manifestasse na diferenciação dos sexos, quando o ego, na sua liberação, é vivenciado, tanto no homem como na mulher, como o masculino em conflito com o arquétipo da mãe. O masculino, aqui, significa princípio masculino, cuja caracterização fundamental é a diferenciação, a discriminação, enquanto o arquétipo da grande mãe retrata, prioritariamente, o indiferenciado, o inconsciente.

O inconsciente tem caráter feminino, é o que contém, é o que nutre, é a raiz de todo ser, é Eros. O consciente, por outro lado, é espírito, é Logos, é o princípio masculino.

Se “o desenvolvimento psicológico do indivíduo repete a história evolutiva da humanidade”, como nos diz Whitmon (1991), podemos dizer que o homem primitivo vive no mundo matriarcal, inconsciente, indiferenciado. Ele está em *participation mystique* com a natureza e com o grupo.

Já na sociedade totêmica, o totem é uma figura transpessoal, é o fundador do grupo, representa o pai espiritual. É o início do patriarcado, quando o masculino se volta contra o matriarcado, separando-se de sua origem feminina. Os rituais de iniciação significam um segundo nascimento, quando o indivíduo renasce para o grupo, sem a participação da natureza.

Como nos diz Neumann (1991):

Na era primordial, o sujeito de desenvolvimento era o grupo e não o indivíduo. A sociedade de homens, que foi fundada, de início, por desenvolvimentos mágicos e, posteriormente, totêmicos, era a unidade sagrada da qual o indivíduo era apenas uma parte. Pela formação do grupo masculino e de sua magia, o ego individual, ainda fraco neste estágio, era fortalecido e, assim, preparado para a independência.

O conhecer implica na experiência do sujeito como conhecedor e como objeto conhecido. No início da vida psíquica, no estado de inconsciência, somos objetos de conhecimento. Com o desenvolvimento do ego, o que não ocorre com pouco esforço, tornamo-nos sujeitos conhecedores. Esse estado de sujeito conhecedor gera poder, pois significa domínio sobre o objeto conhecido; o sujeito torna-se independente.

Se a consciência implica em conhecer com, implica em dois fatores: o conhecimento e o estar com. O conhecimento é função do Logos, enquanto o estar com é função de Eros. Assim, “consciência é uma conjunctio, uma união de Logos e Eros” (EDINGER, 1987). Portanto, consciência, em seu significado de conhecer com, envolve relação; do sujeito com o objeto, com o mundo exterior, e do sujeito com o mundo interno — do ego com o self.

O que observamos com o decorrer da história é, cada vez mais, um fortalecimento de ego, porém de forma unilateral. A ciência, que é um conhecimento, portanto função de Logos, desenvolveu-se em detrimento de Eros, o princípio da ligação, do estar com; princípio que norteia a religião, em seu significado de religar (religere). O aumento do conhecimento do mundo externo gera poder de ego, que perde sua ligação com o self, com a totalidade, e subjugação o objeto conhecido.

A crise do homem moderno, que Durkheim busca entender, é essa unilateralidade da consciência. O homem moderno perdeu sua ligação com o inconsciente, com o feminino.

O poder gerado pelo conhecimento, pela ciência, reprime a vinculação, que é dada pela religião. Somente quando houver a síntese entre ciência e religião, o homem terá o conhecimento vinculado (EDINGER, 1987).

Hoje, a ciência já não mais responde às necessidades da humanidade. O controle do mundo externo, característica do patriarcado, já não é suficiente, pois houve uma desvalorização do mundo interno, da natureza, dos instintos, da emoção, das profundezas do feminino.

Como nos disse Jung, tudo o que é reprimido, negado, não deixa de existir e reaparece, de alguma forma, com intensidade maior. É o que vemos acontecer. O feminino reclama seu reconhecimento. Não podemos esquecer que as deusas mais antigas eram divindades do amor e da guerra, como Innana, Ishtar, Pallas, Sekhmet, entre outras. Ao lado da racionalidade, da ordem social, da vida organizada e pacífica, que são objetivos da consciência masculina, estão a violência, as forças destrutivas, que são manifestações negativas de um feminino reprimido.

Na conclusão de *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim mostra que, acima do homem individual, está a sociedade, o coletivo, “um sistema de forças operantes”. Considerou essa sociedade como perfeita, que não era a empírica, mas sonho, aspirações do homem que jamais viveu essa realidade. Essas aspirações, afirma, estão “nas profundezas de nosso ser” “elas são religiosas já por si mesmas”.

Podemos fazer uma analogia entre o que Durkheim chamou de “sociedade ideal”, “consciência de consciências” e o processo de individuação, pois o ego individuado é aquele que aumenta a consciência de que sua origem se deve à psique arquetípica e que dela depende. Portanto, a psique tem uma função religiosa, na medida em que religa o ego ao self, o indivíduo ao coletivo. As forças arquetípicas são as que impulsionam o desenvolvimento, são as forças operantes inconscientes.

Assim, questionamento como o de Lee Erickson quanto ao que Durkheim via como “experiência religiosa coletiva” não ser senão “experiência religiosa masculina”, já que o feminino era excluído, como profano, só é possível dado o desenvolvimento psicológico no qual nos encontramos hoje. E, para alcançarmos esse estágio de desenvolvimento, as etapas pelas quais o ego deveria passar incluem a separação da mãe, do feminino.

O que Durkheim chamou de sagrado é aquilo que está além do indivíduo e desperta nele um estado que altera as condições da vida psíquica. Rudolf Otto denominou esse estado de *numinosum*, termo adotado por Jung para definir a experiência do ego ao

entrar em contato com conteúdos do inconsciente. O sagrado é aquilo que transcende o ego, a consciência.

Parece, então, que o questionamento mais importante não é a repressão das mulheres, mas a repressão do feminino enquanto princípio presente tanto nas mulheres quanto nos homens; é a repressão do poder criativo, transformador, do arquétipo feminino, que é o reino da interioridade de ser no mundo.

Como disse Lao Tsé (apud WHITMONT, 1991):

“O espírito da fonte nunca morre.
É o misterioso feminino,
E à porta da fêmea escura
Encontra-se a raiz do céu e da terra.
É frágil, frágil, mal existe;
Mas toca-a; nunca se esgota”